

Nuno Grande: “Siza tem este dom de produzir obras-primas”

P publico.pt/2019/09/18/culturaipsilon/entrevista/nuno-siza-dom-produzir-obrasprimas-1886926

Sérgio C. Andrade



Foto

Nuno Grande Martin Henrik

Onde foram buscar o título para a exposição, *in/disciplina*?

Siza é um personagem múltiplo, não é possível traçar-lhe uma linearidade, uma previsibilidade, e faltava-nos uma palavra que definisse esse lado de insatisfação e inquietude permanente. Foi ele que nos deu a chave. Ao escrever num seu caderno “Nome: Álvaro Siza; Disciplina: tão pouca quanto possível”, mostrou-nos que dentro dessa disciplina, uma disciplina especial que é a arquitectura, ele deseja, e consegue, ter um percurso indisciplinado. Siza não acredita na especialização, não acha que um arquitecto deva ser um especialista de casas, ou de hospitais, ou de monumentos, ou de igrejas — embora saibamos que estes programas têm sido constantes na sua obra. Ele acha que um arquitecto deve ser capaz de desenhar tudo, do mais ínfimo pormenor ao grande edifício. Encara a disciplina não como uma forma científica de abordar a realidade, mas uma forma pessoal, artística, poética, inquieta, de a ler.

No catálogo, escreve que Siza é “o poeta da arquitectura portuguesa”.

É verdade. Mas ele é tão poético como é prosaico; tem o pragmatismo dos arquitectos que querem construir, e muitas vezes a sua perspectiva está mais próxima da prosa do que da poesia. A poética está no momento da criação, mas depois ele é extremamente prosaico na forma como a adapta ao lugar, aos materiais, ao orçamento, ao cliente...

A exposição celebra os trinta anos da fundação e os vinte anos do museu de Serralves. Tiveram que montar uma exposição sobre Siza dentro da sua própria arquitectura. Foi difícil lidar com essa circunstância?

A chave da exposição já estava cá. As salas têm estas mesas invertidas, o estratagema que Siza encontrou para meter luz dentro do museu. Muitas vezes, os artistas que expõem no museu criticam estas mesas dizendo que elas interferem muito com o espaço e com as obras. Nós quisemos precisamente homenagear estas mesas, mostrando que a arquitectura também tem o seu papel dentro do museu. E Siza ficou muito contente: “Finalmente há uma exposição em Serralves que, em vez de cortar ou ignorar as minhas mesas, torna-as o elemento chave da solução”, disse. A solução já nos fora dada por ele — a arquitectura já estava no sítio. Nós só tivemos que pegar nesse mote e desenvolvê-lo. Ao mesmo tempo, a mesa é o lugar de trabalho do arquitecto, e esta ideia de colocar toda a exposição em cima de uma mesa bate certo com isso.

Por que razão escolheram trinta projectos, e estes projectos?

São os trinta anos da fundação. Escolhemos este trinta projectos, mas podíamos ter escolhido outros tantos, e a exposição teria a mesma qualidade. Siza é um dos raros arquitectos vivos e Pritzkers com quem se pode fazer duas exposições com trinta projectos em dois sítios diferentes, e elas têm sempre grande qualidade. Ele tem este dom de produzir obras-primas.